

### QUESTÃO III

*Uma das articulações possíveis entre psicanálise e lingüística não seria o privilégio concedido à metáfora e a metonímia por Jakobson no plano lingüístico e por você no plano psicanalítico?*

### RESPOSTA

Penso que, graças a meu seminário de Saint'Ana, do qual sai quem traduziu Jakobson ao francês, mais de um dos nossos ouvintes deste momento sabe como a metáfora e a metonímia são por Jakobson situadas na cadeia significante: substituição de um significante por um outro, para uma, seleção de um significante na série, para a outra. Do que resulta (e apenas para Jakobson, para mim o resultado é outro), que a substituição se faz por similaridades, a seleção por contigüidades.

É que se trata aí de outra coisa que do *lecton*, do que torna legível um significado e que não é desdenhável para manter a condição estóica. Eu vou adiante com o que denominei de ponto de basta, para ilustrar o que chamaria de efeito Saussure de dirupção do significado pelo significante e precisar aqui que respondia a minha estima pela audiência-colchão que me estava reservada, obviamente por estar em Saint'Ana, embora composta de analistas.

Seria preciso gritar um pouco para se fazer ouvir por uma trupe na qual fins diversos de despachos dava nó em alguns. De acordo com o estilo exigido para esta época pelas proezas com que a precedente soube se resguardar.

E não é para nada que introduzi meu ponto de basta no jogo dos significantes nas respostas dadas por Joad ao colaborador Abner, ato I, cena I de Atália: ressonância de meu discurso procedente de uma corda mais surda para que pudesse interessá-los.

Transposto um lustre, alguém se arroja a fazer do ponto de basta, que sem dúvida ele havia retido, o “ancoradouro” que recolhe a linguagem no inconsciente. O dito inconsciente, na sua opinião, quer dizer, o oposto mais impudente de tudo o que eu havia articulado sobre a metáfora e a metonímia, o dito inconsciente que se apóia no grotesco figurativo do chapéu de Napoleão que se encontra nos desenhos

das folhas da árvore e que motiva seu gosto de predicar o representante representativo.

(Assim o perfil de Hitler emanaria de infâncias nascidas nas trincheiras sofridas por seus pais quando das esbirradas da Frente popular).

A metáfora e a metonímia, sem requerer essa promoção de um figurativismo diarréico, davam o princípio com o qual eu engendrava o dinamismo do inconsciente.

A condição é a que eu disse da barra saussuriana, que não poderia representar qualquer intuição de proporção, nem traduzir-se por uma barra de fração a não ser por um abuso delirante, porém, como é para Saussure, por constituir borda real, isto é, por saltar do significante que flutua ao significado que flui.

É o que a metáfora opera, a qual obtém um efeito de sentido (não de significação) de um significante que faz pavimentação no charco do significado.

Sem dúvida esse significante não falta doravante na cadeia senão de uma maneira justamente metafórica, quando se trata do que se chama poesia na medida em que ela pertence ao domínio do fazer. Tal como ela é feita pode se desfazer. Mediante o que se percebe que o efeito de sentido produzido se fazia no sentido do sem-sentido: “seu feixe não era nem avaro nem rancoroso” (cf. Minha “Instância da letra”) pelo fato de que era um feixe, como todos os outros, para o animal comer, como é o feno.

Muito diferente é o efeito de condensação na medida em que parte do recalque e faz o retorno do impossível, a ser entendido como o limite no qual se instala pelo simbólico a categoria do real. Acerca disso um professor, evidentemente induzido por minhas proposições (que ele crê aliás contrariar, na medida em que se apóia nelas contra um abuso do qual se abusa sem nenhuma dúvida por prazer), escreveu coisas notáveis.

Mais além da ilustração do chapéu a ser encontrado nas folhagens da árvore, é do entalhe da página que ele materializa alegremente uma condensação cujo imaginário se elide por ser tipográfico: aquele que as pregas da bandeira deixa ler: sonho de ouro [*revê d'or*], as palavras que se deslocam por simplesmente escrever: revolução de outubro [*révolution d'octobre*].

Aqui o efeito de sem-sentido não é retroativo no tempo, como é a ordem do simbólico, mas bem atual, o fato do real.

Indicando para nós que o significante ressurge como fífia no significado da cadeia superior à barra e que se está decaído dela, é por pertencer a uma outra cadeia significante que em nenhum caso deve coincidir com a primeira, posto que ao fazer discurso com ela, este muda em sua estrutura.

Eis aí mais que o necessário para justificar o recurso à metáfora, para fazer entender como, ao operar a serviço do recalque, ela produz a condensação notada por Freud no sonho.

Porém, em lugar da arte poética, o que aqui opera são razões.

Razões, isto é, efeitos de linguagem, na medida em que são prévios à significância do sujeito, porém que o tornam presente por não poder ainda atuar como representante.

Esta materialização intransitiva, diremos nós, do significante ao significado, é o que se chama o inconsciente, que não é ancoradouro, mas depósito, aluvião da linguagem.

Para o sujeito, o inconsciente é o que reúne nele suas condições: ou ele não é, ou ele não pensa.

Se no sonho ele não pensa, é por estar no estado de pode ser. No que se demonstra o que ele permanece ser ao despertar e pelo que o sonho se revela como a via régia para conhecer sua lei.

Não é com o sentido anterior ao sujeito que a metonímia atua (isto é, com a barreira do sem-sentido), mas com o gozo em que o sujeito se produz como corte: que o faz portanto estofo, porém para reduzi-lo por isso a uma superfície ligada a esse corpo, que já é feito do significante.

Não, é claro, que o significante se ancore [*ancre*](nem se tinja) [*encre*] na cócega (sempre o truque de Napoleão), mas que a permita entre outros traços com que se significa o gozo e cujo problema é saber o que se satisfaz nele.

Que sobre o que se inscreve desliza a paixão do significante, é preciso dizê-lo: gozo do Outro, porque, já que está deslumbrado por um corpo, ele se torna o lugar do Outro.

Operando com um metabolismo do gozo, cujo potencial está regulado pelo corte do sujeito, a metonímia cota como valor o que se transfere.

As trintas velas com que se anuncia uma frota, no exemplo tornado célebre por ser um lugar da retórica, por mais que velem trinta vezes o corpo de promessa que transportam retórica ou frota, nada fará que um gramático ou um linguísta faça disso o véu de Maya.

Nada fará tampouco que um psicanalista confesse que ao fazer sua mágica sem levantar este véu sobre o ofício que administra, se rebaixe ao nível do prestidigitador.

Não há esperança portanto de que se acerque à mola da metonímia quando, ao fazer catecismo de uma interrogação de Freud, se pergunte se a inscrição do significante, sim ou não, se desdobra do que houvera do inconsciente (questão que ninguém fora de meu comentário de Freud, isto é, de minha teoria, não saberia dar nenhum sentido).

Não seria no entanto o próprio corte interpretativo que, para o titubeante fora de jogo, é problema por dar consciência? Ela revelaria então a topologia que a comanda em um gorro cruzado, ou seja, em uma banda de Moebius. Pois, é somente deste corte que esta superfície, onde de qualquer ponto se tem acesso a seu avesso, sem que se tenha de mudar de lado, (em uma só face, portanto), se vê posteriormente provida de um direito e de um avesso. A dupla inscrição freudiana portanto não pertenceria a nenhuma barreira saussuriana, mas da própria prática que lhe coloca a questão, a saber, o corte que o inconsciente ao desistir-se testemunha que não consistia senão nele, ou seja, que quanto mais o discurso é interpretado mais se confirma ser inconsciente. Até o ponto em que só a psicanálise – na condição de interpretá-lo - descobriria que há um avesso do discurso.

Digo essas coisas difíceis por saber que a inaptidão de meus ouvintes os coloca em pé de igualdade com elas. Que o vício do psicanalista de ser alguém deslocado por seu ato mais do que qualquer outro o torne por outro lado inepto, é o que faz a cada um de meus *Escritos* tão circunlocutório para obstar que se sirva dele como de boca a boca.

É preciso dizer que o desejo de ser o mestre contradiz o próprio fato do psicanalista: é que a causa do desejo se distingue de seu objeto. O que a metonímia do lingüista testemunha está ao alcance de outros exceto dos psicanalistas.

Do poeta, por exemplo, que no pretense realismo faz da prosa seu instrumento.

Mostrei em dado momento que a ostra a tragar [imbecilidade] evocada pela orelha que Bel-Ami trata de seduzir, libera o segredo de seu gozo de rufião. Sem a metonímia que faz mucosa desta concha, não há ninguém de seu lado [*côté*] para pagar a cota [*écot*] que a histérica exige, a saber, que ela seja a causa de seu próprio desejo para seu próprio gozo.

Aqui se vê que a passagem do fato lingüístico ao sintoma é fácil e que o testemunho do psicanalista fica aí incluído. A gente se convence disso desde que começa a se exaltar com sua escuta: histeria de sua *middle age*. O caramujo também ouve a sua, é bem conhecido – que pretende ser o ruído do mar, sem dúvida de que se saiba que é ela que o tem escamado.

Não sofriam ainda da audição aqueles que queriam que eu brindasse mais honrarias a Jakobson pelo usufruto que ele me brindou.

São os mesmos que depois me fizeram objeção de que esse usufruto não foi adequado na metonímia.

A demora em se dar conta disso mostra que *cerúmen* os separa dos que ouvem antes que se faça parábolas.

Eles não tomaram ao pé da letra que a metonímia é com efeito o que determina como operação de crédito (*Verschiebung* quer dizer: transferência) o próprio mecanismo inconsciente em que é no entanto o ingresso-gozo sobre o que se extrai.

No que concerne ao significante que resume estes dois tropos, expresso mal, parece, que ele *desloca* quando traduzo assim: *es entstellt* em algum lugar em meus *Escritos*. Que desfigure, no dicionário, me mandam dizer por expresso, inclusive por globo-sonda (ainda o truque da figura e do que aí se pode manusear). Pena que para um retorno a Freud em que se gostaria de admoestar-me, se ignore essa passagem do Moisés onde Freud mostra que ele entende assim a *Entstellung*, a saber, como deslocamento, porque, por mais arcaico que seja, está aí, diz, seu sentido primeiro.

Fazer passar o gozo ao inconsciente, isto é, à contabilidade, é, com efeito, um sagrado deslocamento.

Aliás se constatará, ao remeter-se, pelo índice de meu livro, desde essa palavra às passagens que mudam seu emprego, que traduzo (como se deve) segundo cada contexto.

É que não metaforizo a metáfora, nem metonimizo a metonímia para dizer que elas equivalem à condensação e ao deslocamento no inconsciente. Porém me desloco com o deslocamento do real no simbólico e me condenso para dar peso aos meus símbolos no real, como convém ao seguir as pegadas do inconsciente.